

“*Inverno in Abruzzo*”, de Natalia Ginzburg: uma tradução comentada

Renata Silveira Lopes

Natalia Ginzburg (1916-1991) é considerada uma das principais representantes da literatura italiana do pós-guerra. Escritora amplamente traduzida, publicou romances, contos, ensaios e poemas, e foi também crítica literária, ativista política, deputada e tradutora. Sua vida, marcada pelo drama das perseguições políticas, deixou traços também em sua escrita, em que são comuns os temas da família, da memória e da perda.

O ensaio intitulado “*Inverno in Abruzzo*” foi escrito em 1944 e publicado em 1962 no livro *Le piccole virtù*, uma coletânea de textos produzidos ao longo de dezoito anos. De cunho autobiográfico, retrata o cotidiano da família da autora, forçada, pelo regime fascista, a viver em um vilarejo no interior da Itália. Com uma linguagem ao mesmo tempo coloquial e poética, o texto mistura ficção e memória e parece se aproximar do que aqui no Brasil chamamos de crônica.

Para construir seu estilo caracterizado pela simplicidade, Natalia Ginzburg se serve, sobretudo, de ditados populares, frases feitas e expressões idiomáticas comuns no italiano. Em relação a estes termos, adotou-se na tradução a estratégia de domesticação, reproduzindo o uso comum por meio do emprego de expressões também usuais na língua-meta. Por exemplo, optou-se por traduzir o provérbio “*Chi è buono se lo mangiano i cani*” por seu equivalente (“Por bem fazer, mal haver”), e não literalmente por “Quem é bom é devorado por cães”, assim como “*Con una buona salute*” foi traduzido por uma frase feita (“Passar bem”) e não literalmente por “Com boa saúde”. Todavia, a escrita de Ginzburg consegue ser, ao mesmo tempo, poética, e o uso do registro coloquial da linguagem não se confunde com um descuido com a forma, deixando transparecer um trabalho minucioso na escolha de cada palavra. O desafio maior da tradução foi tentar transpor esse efeito,

como podemos verificar no trecho “*ma dopo che ha mangiato le ossa rimaste nel piatto*”, que foi traduzido por “mas, depois de ter acabado, os ossos que sobraram no prato”. Neste caso, tentou-se reproduzir a sonoridade com o emprego de uma rima toante (“ado” e “ato”) e o resultado pareceu mais acertado que uma tradução literal (“mas depois que acabou de comer os ossos que sobraram no prato”), por ter considerado os aspectos semântico e formal presentes no original.

As marcas de oralidade também são significativas no estilo de Natalia Ginzburg, e o que se buscou na tradução foi reproduzir com naturalidade o registro oral sem causar estranheza no leitor (BRITTO, 2012, p. 90). Assim, o trecho “*Non è tempo di passeggiare, signò. Torna a casa*” passou a “Não é época de passear, **Dona**. Volta **pra** casa”. Optou-se aqui por uma alteração da marca fonética, que se deslocou para a contração da preposição “pra”, bastante característica da fala brasileira. Além disso, nota-se outra marca lexical bastante comum na fala popular brasileira que é o uso do substantivo “dona” como equivalente a “senhora”, tendo sido utilizado com a primeira letra maiúscula para evitar qualquer ambiguidade.

Outro aspecto relevante para a tradução da prosa de Ginzburg foi a utilização de duplos sentidos e trocadilhos. Nesse sentido, dois exemplos merecem ser destacados. Primeiramente, a autora faz um trocadilho com a expressão “*donna di servizio*” e o fato da empregada ser ainda uma criança, de apenas quatorze anos de idade, e que “*veramente non era una donna*”. Na tradução, decidiu-se por não utilizar a palavra “empregada”, substituindo-a por “mulher que limpava a nossa casa”, para não perder o humor sutil desse jogo de palavras. Em outra passagem, há a descrição de uma águia pintada no teto de um determinado cômodo da casa. No contexto cultural italiano, a palavra “*aquila*” remete, ao mesmo tempo, ao animal, à cidade de Áquila (capital da região de Abruzzo), e à província de Áquila, região que compreende também a cidade de Pizzoli, onde Natalia Ginzburg viveu com sua família durante o degredo. Traduzir “*aquila*” por “águia”, simplesmente, implicaria na perda de grande parte destas referências. Diante de tal impasse, a escolha de tradução por “Aquila”, nome de uma constelação, e pelo acréscimo do apostro explicativo, de certa forma mantém a imagem da águia sem perder a semelhança fonética com o nome da província e da cidade de Áquila.

Em relação à cantiga citada por Ginzburg, a opção foi traduzi-la levando em consideração seus aspectos formais e semânticos, tidos como cruciais para a construção do seu significado, bem como do “humor negro” que lhe é característico. Tentou-se recriar, portanto, os paralelismos sintáticos, como, por exemplo, no primeiro e no terceiro versos da tradução que se iniciam com o pronome possessivo (“minha” / “meu”), ou o segundo e o quarto versos que se iniciam com

o pronome átono “me” seguido de forma verbal flexionada no pretérito perfeito do indicativo. Por outro lado, alguns recursos do original, como os *troncamentos* (“*ghiottò*”, “*boccò*”, “*nu*”), bastante comuns em italiano, não puderam ser recriados na tradução. Sendo assim, optou-se por uma estratégia de compensação, usando as formas contratas “num” e “cum”, também bastante comuns no registro coloquial oral do português do Brasil.

Semanticamente, adotou-se a estratégia de seleção de palavras-chave (BRITTO, 2012, p. 142). Assim, foram mantidas as palavras-chave “madrasta”, “pai” e “glutão”, respectivamente, “*matrea*”, “*padre*” e “*ghiottò*” no original. No caso de “madrasta” e “pai” a tradução pode ser literal, mas no caso de “*ghiottò*” (“*ghiottonè*”), empregou-se “glutão”, em vez de “guloso”, por motivos de rima. Quanto à “*boccò*” (“*boccone*”), outra palavra central para a construção do significado da canção, que, segundo definição do dicionário *Lo Zingarelli minore*, significa “quantidade de comida que se põe na boca de uma só vez”, a decisão foi traduzi-la por “bocão”, que altera um pouco o sentido do original, mas que se mantém dentro de um mesmo campo semântico.

Vale ainda ressaltar que houve um acréscimo do adjetivo “caro” modificando o substantivo “pai” que não existia no original, mas tal acréscimo pode ser justificado pela necessidade de atender à regularidade métrica da canção. Entre a perda do ritmo e o referido acréscimo, julgou-se que, neste caso, seria mais importante a manutenção da métrica e do ritmo por se tratar de uma canção. Outrossim, o adjetivo “caro” traz uma noção de afetuosidade que já está contida de certa forma na acepção do substantivo “pai”, portanto o acréscimo não chega a modificar demasiadamente o significado do original.

Por fim, outro desafio na tradução foi manter o tom memorialista, e até certo ponto melancólico, do original. O trecho “*La nostra sorte trascorre in questa vicenda di speranze e di nostalgia*”, por exemplo, foi traduzido como “A nossa sorte transcorre nessa alternância entre esperanças e saudade”. A opção por “saudade” em vez de “*nostalgia*” se deu com base no princípio da equivalência conotativa, uma vez que é um vocábulo, frequente no contexto do português brasileiro, capaz de provocar no leitor as mesmas associações e reações suscitadas no original (ECO, 2011, p. 27). Por outro lado, “*vicenda*”, que significa “evento” ou “acontecimento”, foi traduzida por “alternância”, em que a escolha do termo menos usual em português, e, portanto, menos previsível, de certa forma recria a poeticidade do trecho e contribui para acentuar a melancolia presente no período. Seria importante frisar, ainda, que as memórias perpassam todo o texto de Natalia Ginzburg e fazem da nostalgia parte relevante de seu estilo.

Inverno in Abruzzo

Deus nobis haec otia fecit.

In Abruzzo non c'è che due stagioni: l'estate e l'inverno. La primavera è nevosa e ventosa come l'inverno e l'autunno è caldo e limpido come l'estate. L'estate comincia in giugno e finisce in novembre. I lunghi giorni soleggiati sulle colline basse e riarse, la gialla polvere della strada e la dissenteria dei bambini, finiscono e comincia l'inverno. La gente allora cessa di vivere per le strade: i ragazzi scalzi scompaiono dalle scalinate della chiesa. Nel paese di cui parlo, quasi tutti gli uomini scomparivano dopo gli ultimi raccolti: andavano a lavorare a Terni, a Sulmona, a Roma. Quello era un paese di muratori: e alcune case erano costruite con grazia, avevano terrazze e colonnine come piccole ville, e stupiva di trovarci, all'entrare, grandi cucine buie coi prosciutti appesi e vaste camere squallide e vuote. Nelle cucine il fuoco era acceso e c'erano varie specie di fuochi, c'erano grandi fuochi con ceppi di quercia, fuochi di frasche e foglie, fuochi di sterpi raccattati ad uno ad uno per via. Era facile individuare i poveri e i ricchi, guardando il fuoco acceso, meglio di quel che si potesse fare guardando le case e la gente, i vestiti e le scarpe, che in tutti su per giù erano uguali.

Quando venni al paese di cui parlo, nei primi tempi tutti i volti mi parevano uguali, tutte le donne si rassomigliavano, ricche e povere, giovani e vecchie. Quasi tutte avevano la bocca sdentata: laggiù le donne perdono i denti a trent'anni, per le fatiche e il nutrimento cattivo, per gli strapazzi dei parti e degli allattamenti che si susseguono senza tregua. Ma poi a poco a poco cominciai a distinguere Vincenzina da Secondina, Annunziata da Addolorata, e cominciai a entrare in ogni casa e a scaldarmi a quei loro fuochi diversi.

Quando la prima neve cominciava a cadere, una lenta tristezza s'impadroniva di noi. Era un esilio il nostro: la nostra città era lontana e lontani erano i libri, gli amici, le vicende varie e mutevoli di una vera esistenza. Accendevamo la nostra stufa verde, col lungo tubo che attraversava il soffitto: ci si riuniva tutti nella stanza dove c'era la stufa, e lì si cucinava e si mangiava, mio marito scriveva al grande tavolo ovale, i bambini cospargevano di giocattoli il pavimento. Sul soffitto della stanza era dipinta un'aquila: e io guardavo l'aquila e pensavo che quello era l'esilio. L'esilio era l'aquila, era la stufa verde che ronzava, era la vasta e silenziosa campagna e l'immobile neve. Alle cinque suonavano le campane della chiesa di Santa Maria, e le donne andavano alla benedizione, coi loro scialli neri e il viso rosso. Tutte le sere mio marito ed io facevamo una passeggiata: tutte le sere camminavamo a

braccetto, immergendo i piedi nella neve. Le case che costeggiavano la strada erano abitate da gente cognita e amica: e tutti uscivano sulla porta e ci dicevano: «Con una buona salute». Qualcuno a volte domandava: «Ma quando ci ritornate alle case vostre?» Mio marito diceva: «Quando sarà finita la guerra». «E quando finirà questa guerra? Te che sai tutto e sei un professore, quando finirà?» Mio marito lo chiamavano «il professore» non sapendo pronunciare il suo nome, e venivano da lontano a consultarlo sulle cose più varie, sulla stagione migliore per togliersi i denti, sui sussidi che dava il municipio e sulle tasse e le imposte.

D'inverno qualche vecchio se ne andava con una polmonite, le campane di Santa Maria suonavano a morto, e Domenico Orecchia, il falegname, fabbricava la cassa. Una donna impazzì e la portarono al manicomio di Collemaggio, e il paese ne parlò per un pezzo. Era una donna giovane e pulita, la più pulita di tutto il paese: dissero che le era successo per la gran pulizia. A Gigetto di Calcedonio nacquero due gemelle, con due gemelli maschi che aveva già in casa, e fece una chiassata in municipio perché non volevano dargli il sussidio, dato che aveva tante coppe di terra e un orto grande come sette città. A Rosa, la bidella della scuola, una vicina gli sputò dentro l'occhio, e lei girava con l'occhio bendato perché le pagassero l'indennità. «L'occhio è delicato, lo sputo è salato», spiegava. E anche di questo si parlò per un pezzo, finché non ci fu più niente da dire.

La nostalgia cresceva in noi ogni giorno. Qualche volta era perfino piacevole, come una compagnia tenera e leggermente inebriante. Arrivavano lettere dalla nostra città, con notizie di nozze e di morti dalle quali eravamo esclusi. A volte la nostalgia si faceva acuta ed amara, e diventava odio: noi odiavamo allora Domenico Orecchia, Gigetto di Calcedonio, Annunziatina, le campane di Santa Maria. Ma era un odio che tenevamo celato, riconoscendolo ingiusto: e la nostra casa era sempre piena di gente, chi veniva a chieder favori e chi veniva a offrirne. A volte la sartoretta veniva a farci le sagnoccole. Si cingeva uno strofinaccio alla vita e sbatteva le uova, e mandava Crocetta in giro per il paese a cercare chi potesse prestarci un paiolo ben grande. Il suo viso rosso era assorto e i suoi occhi splendevano di una volontà imperiosa. Avrebbe messo a fuoco la casa perché le sue sagnoccole riuscissero bene. Il suo vestito e i capelli si facevano bianchi di farina, e sul tavolo ovale dove mio marito scriveva, venivano adagiate le sagnoccole.

Crocetta era la nostra donna di servizio. Veramente non era una donna perché aveva quattordici anni. Era stata la sartoretta a trovarcela. La sartoretta divideva il mondo in due squadre: quelli che si pettinano e quelli che non si pettinano. Da quelli che non si pettinano bisogna guardarsi, perché naturalmente hanno

i pidocchi. Crocetta si pettinava: e perciò venne da noi a servizio, e raccontava ai bambini delle lunghe storie di morti e di cimiteri. C'era una volta un bambino che gli morì la madre. Suo padre si pigliò un'altra moglie e la matrigna non amava il bambino. Perciò lo uccise mentre il padre era ai campi e ci fece il bollito. Il padre torna a casa e mangia, ma dopo che ha mangiato le ossa rimaste nel piatto si mettono a cantare:

E la mia trista matrea
Mi ci ha cotto in caldarea
E lo mio padre ghiottò
Mi ci ha fatto 'nu bravo boccò.

Allora il padre uccide la moglie con la falce, e l'appende a un chiodo davanti alla porta. A volte mi sorprendo a mormorare le parole di questa canzone, e allora tutto il paese mi ritorna davanti, insieme al particolare sapore di quelle stagioni, insieme al soffio gelato del vento e al suono delle campane.

Ogni mattina uscivo con i miei bambini e la gente si stupiva e disapprovava che io li esponessi al freddo e alla neve. «Che peccato hanno fatto queste creature?» dicevano. «Non è tempo di passeggiare, signò. Torna a casa». Camminavamo a lungo per la campagna bianca e deserta, e le rare persone che incontravo guardavano i bambini con pietà. «Che peccato hanno fatto?» mi dicevano. Laggiù se nasce un bambino nell'inverno, non lo portano fuori dalla stanza fino a quando non sia venuta l'estate. A mezzogiorno mio marito mi raggiungeva con la posta, e tornavamo tutti insieme a casa.

Io parlavo ai bambini della nostra città. Erano molto piccoli quando l'avevamo lasciata, e non ne avevano nessun ricordo. Io dicevo loro che là le case avevano molti piani, c'erano tante case e tante strade, e tanti bei negozi. «Ma anche qui c'è Girò», dicevano i bambini.

La bottega di Girò era proprio davanti a casa nostra. Girò se ne stava sulla porta come un vecchio gufo, e i suoi occhi rotondi e indifferenti fissavano la strada. Vendeva un po' di tutto: generi alimentari e candele, cartoline, scarpe e aranci. Quando arrivava la roba e Girò scaricava le casse, i ragazzi correvano a mangiare gli aranci marci che buttava via. A Natale arrivava anche il torrone, i liquori, le caramelle. Ma lui non cedeva un soldo sul prezzo. «Quanto sei cattivo, Girò», gli dicevan le donne. Rispondeva: «Chi è buono se lo mangiano i cani». A Natale tornavano gli uomini da Terni, da Sulmona, da Roma, stavano alcuni giorni e ripartivano, dopo aver scannato i maiali. Per alcuni giorni non si mangiava che

sfrizzoli, salsicce pazze e non si faceva che bere: poi le grida dei nuovi maialetti riempivano la strada.

In febbraio l'aria si faceva umida e molle. Nuvole grige e cariche vagavano per il cielo. Ci fu un anno che durante lo sgelo si ruppero le grondaie. Allora cominciò a piovere in casa e le stanze erano dei veri pantani. Ma fu così per tutto il paese: non una sola casa restò asciutta. Le donne vuotavano i secchi dalle finestre e scopavano via l'acqua dalla porta. C'era chi andava a letto con l'ombrello aperto. Domenico Orecchia diceva che era il castigo di qualche peccato. Questo durò più d'una settimana: poi finalmente ogni traccia di neve scomparve dai tetti, e Aristide aggiustò le grondaie.

La fine dell'inverno svegliava in noi come un'irrequietudine. Forse qualcuno sarebbe venuto a trovarci: forse sarebbe finalmente accaduto qualcosa. Il nostro esilio doveva pur avere una fine. Le vie che ci dividevano dal mondo parevano più brevi: la posta arrivava più spesso. Tutti i nostri geloni guarivano lentamente.

C'è una certa monotona uniformità nei destini degli uomini. Le nostre esistenze si svolgono secondo leggi antiche ed immutabili, secondo una loro cadenza uniforme ed antica. I sogni non si avverano mai e non appena li vediamo spezzati, comprendiamo a un tratto che le gioie maggiori della nostra vita sono fuori della realtà. Non appena li vediamo spezzati, ci struggiamo di nostalgia per il tempo che fervevano in noi. La nostra sorte trascorre in questa vicenda di speranze e di nostalgie.

Mio marito morì a Roma nelle carceri di Regina Coeli, pochi mesi dopo che avevamo lasciato il paese. Davanti all'orrore della sua morte solitaria, davanti alle angosciose alternative che precedettero la sua morte, io mi chiedo se questo è accaduto a noi, a noi che compravamo gli aranci da Girò e andavamo a passeggio nella neve. Allora io avevo fede in un avvenire facile e lieto, ricco di desideri appagati, di esperienze e di comuni imprese. Ma era quello il tempo migliore della mia vita e solo adesso che m'è sfuggito per sempre, solo adesso lo so.

Inverno em Abruzzo

Deus nobis haec otia fecit.

Em Abruzzo só existem duas estações: o verão e o inverno. A primavera é cheia de neve e vento como o inverno e o outono é quente e límpido como o verão. O verão começa em junho e termina em novembro. Os longos dias enso-

larados sobre as colinas baixas e áridas, a poeira amarela da rua e a disenteria das crianças terminam e começa o inverno. As pessoas então param de viver nas ruas: os meninos descalços desaparecem das escadarias da igreja. Falo de um vilarejo em que quase todos os homens desapareciam depois da última colheita: iam trabalhar em Terni, em Sulmona, em Roma. Aquele era um vilarejo de pedreiros e algumas casas eram construídas com graça, tinham terraços e balaústres como pequenas mansões, e espantava encontrar ali, ao entrar, grandes cozinhas escuras com presuntos pendurados e amplos quartos esqueléticos e vazios. Nas cozinhas o fogo era aceso e existiam vários tipos de fogo, havia o fogo grande com cepos de carvalho, o fogo de ramos e folhas, o fogo de galhos secos recolhidos um a um pelo caminho. Era fácil distinguir os pobres e os ricos olhando o fogo aceso, melhor do que se podia fazer olhando as casas e as pessoas, os vestidos e os sapatos, que para todos eram mais ou menos iguais.

Quando cheguei naquele vilarejo, a princípio todos os rostos me pareciam iguais, todas as mulheres se assemelhavam, ricas e pobres, jovens e velhas. Quase todas tinham a boca desdentada: lá as mulheres perdem os dentes aos trinta anos, por causa da fadiga e da má alimentação, dos maus tratamentos dos partos e dos aleitamentos que se sucedem sem trégua. Mas depois, pouco a pouco, comecei a distinguir Vincenzina de Secondina, Annunziata de Addolorata, e comecei a entrar em cada casa e a me aquecer em cada tipo de fogo.

Quando a primeira neve começava a cair, uma lenta tristeza apoderava-se de nós. Era um exílio, o nosso: a nossa cidade estava longe e longe estavam os livros, os amigos, os vários e mutáveis acontecimentos de uma verdadeira existência. Acendíamos o nosso aquecedor verde, com o longo cano que atravessava o teto: nos reuníamos todos no cômodo onde estava o aquecedor e ali se cozinhava e se comia, meu marido escrevia sobre a grande mesa oval, as crianças salpicavam o chão de brinquedos. No teto do cômodo havia uma pintura de Aquila, a constelação Águia: e eu a olhava e pensava que aquilo era o exílio. O exílio era Aquila, era o aquecedor verde que zunia, era o vasto e silencioso campo e a imóvel neve. Às cinco soavam os sinos da igreja de Santa Maria e as mulheres iam se benzer com seus lenços pretos e o rosto vermelho. Todas as tardes meu marido e eu fazíamos um passeio: todas as tardes caminhávamos de braços dados, afundando os pés na neve. As casas que ladeavam a rua eram de conhecidos e amigos: e todos saíam à porta e nos diziam “Passar bem”. Alguém às vezes perguntava: “Mas quando vocês voltam pra casa?” Meu marido dizia: “Quando acabar a guerra”. “E quando que vai acabar essa guerra? Você que sabe de tudo e é professor, quando será que vai acabar?” Ao meu marido chamavam de “professor”, não sabendo pronunciar

seu nome, e vinham de longe para consultá-lo sobre as coisas mais variadas, sobre a melhor época para arrancar os dentes, sobre os auxílios que a prefeitura dava e sobre taxas e impostos.

No inverno algum velho ia-se com pneumonia, os sinos de Santa Maria badalavam pelo morto e Domenico Orecchia, o carpinteiro, fabricava o caixão. Uma mulher enlouqueceu e a levaram para o manicômio de Collemaggio, e o vilarejo falou um bocado disso. Era uma mulher jovem e limpa, a mais limpa de todo o vilarejo: disseram que isso tinha acontecido de tanta limpeza. O Gígetto di Calcedonio teve duas gêmeas, além dos dois meninos gêmeos que já tinha em casa, e fez um espalhafato na prefeitura porque não queriam lhe dar o auxílio, já que possuía alguns alqueires de terra e uma horta grande como sete cidades. A Rosa, a inspetora da escola, levou uma cusparada da vizinha no olho, e circulava com um curativo para que lhe pagassem a indenização. “O olho é delicado, o cuspe é salgado”, explicava. E também disso se falou um bocado, até que não houve nada mais a dizer.

A saudade crescia dentro de nós a cada dia. Algumas vezes era até agradável, como uma companhia terna e ligeiramente inebriante. Chegavam cartas da nossa cidade, com notícias de núpcias e de mortes das quais éramos excluídos. Às vezes, a saudade se fazia aguda e amarga e se transformava em ódio: então nós odiávamos o Domenico Orecchia, o Gígetto di Calcedonio, a Annunziatina, os sinos de Santa Maria. Mas era um ódio que mantínhamos velado, reconhecendo-o injusto: e a nossa casa estava sempre cheia de gente que vinha pedir favores e que vinha oferecê-los. Às vezes, a costureira vinha nos fazer um *sagnoccole*¹. Amarrava um trapo na cintura e batia os ovos e mandava Crocetta rodar pelo vilarejo procurando quem pudesse nos emprestar um caldeirão bem grande. Seu rosto vermelho ficava concentrado e seus olhos brilhavam com uma vontade imperiosa. Teria posto fogo na casa para que seu *sagnoccole* saísse bom. Seu vestido e seus cabelos tornavam-se brancos de farinha e, sobre a mesa oval onde meu marido escrevia, era cuidadosamente servido o *sagnoccole*.

Crocetta era a mulher que limpava nossa casa. Na verdade, não era bem uma mulher já que tinha quatorze anos. Foi a costureira quem a arranjou para nós. A costureira dividia o mundo em dois grupos: aqueles que se penteiam e aqueles que não se penteiam. Daqueles que não se penteiam é preciso se resguardar, porque

1 Prato tradicional da região de Abruzzo: uma espécie de massa preparada a partir da semente de *robiglio*, um legume típico de áreas montanhosas. (N. da T.)

naturalmente têm piolhos. Crocetta se penteava: e por isso veio trabalhar conosco, e contava às crianças longas histórias de mortos e de cemitérios. Era uma vez um menino que perdeu a mãe. Seu pai arrumou outra mulher e a madrasta não gostava do garoto. Por isso ela o matou enquanto o pai estava no campo e fez um cozido com ele. O pai volta para casa e come, mas, depois de ter acabado, os ossos que sobraram no prato se põem a cantar:

Minha madrasta cruel
Me cozeu num fogaréu
Meu caro pai que glutão
Me traçou cum enorme bocão.

Então o pai mata a mulher com uma foice, e a pendura num prego em frente à porta. Às vezes me surpreendo a murmurar a letra dessa canção, e então todo o vilarejo retorna diante de mim, junto com o sabor particular daquelas estações, junto com o sopro gelado do vento e com o badalo dos sinos.

Toda manhã eu saía com meus filhos e as pessoas se espantavam e desaprovavam que eu os expusesse ao frio e à neve. “Que pecado cometeram essas criaturas?” diziam. “Não é época de passear, Dona. Volta pra casa”. Caminhávamos longamente pelo campo branco e deserto e as poucas pessoas que eu encontrava olhavam as crianças com pena. “Que pecado cometeram?” me diziam. Lá, se uma criança nasce no inverno, não a levam para fora do quarto até a chegada do verão. Ao meio-dia meu marido me encontrava com a correspondência, e voltávamos todos juntos para casa.

Eu falava com as crianças sobre a nossa cidade. Eram muito pequenos quando a deixamos e não tinham dela nenhuma lembrança. Eu lhes dizia que lá as casas tinham muitos andares, havia tantas casas e tantas ruas, e tantas lojas boas. “Mas aqui também tem o Girò”, diziam as crianças.

A loja do Girò era bem em frente à nossa casa. Girò ficava parado na porta qual um mocho velho, e seus olhos redondos e indiferentes fixavam a rua. Vendia um pouco de tudo: gêneros alimentícios e velas, cartões-postais, sapatos e laranjas. Quando chegavam as mercadorias e Girò abria as caixas, os meninos corriam para comer as laranjas estragadas que ele jogava fora. No Natal chegava até torrone, licores e caramelos. Mas ele não cedia um centavo no preço. “Como você é mal, Girò”, lhe diziam as mulheres. Respondia: “Por bem fazer, mal haver”. No Natal os homens retornavam de Terni, de Sulmona, de Roma, ficavam alguns

dias e partiam novamente, depois de terem matado os porcos. Por alguns dias não se comia senão torresmo, linguiça, e não se fazia nada além de beber: depois os gritos dos porquinhos novos tomavam conta da rua.

Em fevereiro o ar se tornava úmido e fraco. Nuvens cinza e carregadas vagavam pelo céu. Houve um ano em que durante o degelo se romperam as calhas. Então começou a chover dentro de casa e os cômodos viraram verdadeiros pântanos. Mas foi assim por todo o vilarejo: não restou seca uma casa sequer. As mulheres esvaziavam os baldes pelas janelas e varriam a água pela porta. Havia quem fosse para cama com o guarda-chuva aberto. Domenico Orecchia dizia que era castigo por algum pecado. Isso durou mais de uma semana: depois finalmente qualquer traço de neve sumiu dos telhados e Aristide consertou as calhas.

O fim do inverno despertava em nós uma certa inquietação. Talvez alguém viesse nos visitar: talvez alguma coisa finalmente acontecesse. O nosso exílio também deveria ter um fim. As estradas que nos separavam do mundo pareciam mais curtas: o correio chegava com mais frequência. Todas as nossas frieiras saravam lentamente.

Há uma certa uniformidade monótona nos destinos dos homens. A nossa existência se desenvolve segundo leis antigas e imutáveis, segundo uma cadência uniforme e antiga. Os sonhos jamais se tornam realidade e, mal os vemos despedaçados, compreendemos imediatamente que as maiores alegrias da nossa vida estão fora da realidade. Mal os vemos despedaçados, nos torturamos com saudade do tempo em que ferviam dentro de nós. A nossa sorte transcorre nessa alternância entre esperanças e saudade.

Meu marido morreu em Roma no presídio Regina Coeli, poucos meses depois de deixarmos o vilarejo. Diante do horror de sua morte solitária, diante das angustiantes alternativas que precederam sua morte, eu me pergunto se isso aconteceu conosco, nós que comprávamos laranjas do Girò e passeávamos na neve. Naquela época eu tinha fé num amanhã fácil e alegre, rico de desejos realizados, de experiências e de tarefas comuns. Mas aqueles eram os melhores dias da minha vida e só agora que me fugiram para sempre, só agora eu sei.

Referências

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2011.

GINZBURG, Natalia. “Inverno in Abruzzo”. In: *Le piccole virtù*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2015. pp. 5-13.

Dicionário

Lo Zingarelli minore. Bologna: Zanichelli, 1994.